

Trajetórias de estudantes internacionais brasileiros em Portugal: reconfigurando projetos através de novos campos de possibilidades

*Bianca Lyrio*¹

Resumo: Este trabalho busca compreender como os projetos de jovens estudantes brasileiros inseridos ou recém-saídos de universidades portuguesas vão se transformando, após alguns anos vivendo em Portugal. Nos baseamos nos conceitos de projeto e campo de possibilidades do antropólogo brasileiro Gilberto Velho e realizamos entrevistas em profundidade para entender suas trajetórias. Concluímos que enquanto alguns jovens conseguiram projetar ideias mais concretas para seus futuros, a maioria encontra dificuldades em delinear um planejamento mais sólido para suas vidas, o que foi ainda agravado no contexto da pandemia de Covid-19.

Palavras-chave: Trajetórias migratórias. Jovens e a pandemia. Novos percursos. Estudantes internacionais. Covid-19. Brasileiros em Portugal.

Trajectories of Brazilian international students in Portugal: reconfiguring projects through new fields of possibilities

Abstract: This work seeks to understand how the projects of young Brazilian students who have entered or recently left Portuguese universities are changing after a few years living in Portugal. We based on the concepts of project and field of possibilities by Brazilian anthropologist Gilberto Velho and conducted in-depth interviews to understand their trajectories. We conclude that while some young people were able to project more concrete ideas for their futures, most find it difficult to delineate a more solid plan for their lives, which was further aggravated in the context of the Covid-19 pandemic.

Keywords: Migratory trajectories. Young people and the pandemic. New routes. International students. Covid-19. Brazilians in Portugal.

¹ Doutoranda em Estudos Urbanos pelo Instituto Universitário de Lisboa (IUL) e pela Universidade Nova de Lisboa (NOVA). E-mail: bialyriomap@gmail.com

Trajelorias de estudantes internacionais brasileños en Portugal: reconfigurando proyectos a través de nuevos campos de posibilidades

Resumen: Este trabajo busca comprender cómo están cambiando los proyectos de jóvenes estudiantes brasileños que ingresaron o salieron recientemente de las universidades portuguesas después de algunos años de vivir en Portugal. Nos basamos en los conceptos de proyecto y campo de posibilidades del antropólogo brasileño Gilberto Velho y realizamos entrevistas en profundidad para comprender sus trayectorias. Concluimos que si bien algunos jóvenes pudieron proyectar ideas más concretas para su futuro, a la mayoría se les dificulta delinear un plan más sólido para sus vidas, lo que se agravó aún más en el contexto de la pandemia del Covid-19.

Palabras clave: Trajelorias migratorias. Los jóvenes y la pandemia. Nuevas rutas. Estudiantes internacionales. COVID-19. Brasileños en Portugal.

Introdução

De acordo com o Observatório das Migrações², o número de estudantes internacionais no Ensino Superior português vem aumentando desde o início da última década (2011). Naquele período somavam cerca de 12 mil alunos. Cinco anos depois já eram mais de 37 mil. Atualmente, dados relativos ao ano letivo de 2019-2020 da Direção Geral de Estatísticas da Educação e Ciência de Portugal, revelam que o número de estudantes matriculados em universidades e institutos politécnicos ultrapassa a marca de 60 mil. A nacionalidade brasileira é a que apresenta maior relevância: 18.081 inscritos em mobilidade de grau, representando 41% do corpo discente internacional, e 3.194 em mobilidade de crédito, correspondendo a 19%.

Diante destes números, entender as trajetórias de tais estudantes torna-se fundamental para o campo das investigações sobre a migração estudantil internacional, e ainda mais para a compreensão das relações migratórias mais recentes entre Brasil e Portugal. Além disso, tendo em vista que os estudantes

² Disponível em <<https://www.om.acm.gov.pt/-/6--1>>. Acesso em 30/09/2022.

internacionais vêm assegurando as receitas dos estabelecimentos de ensino superior, além de impulsionar a economia de modo geral (KING & RAGHURAM, 2013), perceber seus percursos e importância para a sociedade acolhedora também se mostra bastante relevante para os estudos sobre o meio urbano e a mobilidade humana contemporânea.

Neste trabalho, nos baseamos nos aportes teóricos de Gilberto Velho (1994; 2004) sobre os conceitos de projeto e campo de possibilidades. Cremos que tais ideias proporcionam uma lente diferencial para o fenômeno migratório em questão, além de contribuir para a inserção e atualização destes conceitos num contexto tão recente e de tantas incertezas que foi e ainda está sendo a pandemia mundial de Covid-19. Ademais, foram realizadas oito entrevistas semiestruturadas e em profundidade com o intuito de reconstruir parte das trajetórias individuais destes estudantes. Tal ferramenta se apresenta como uma metodologia pertinente visto que nos permite registrar as experiências, os pensamentos e os anseios dos interlocutores desta investigação (GOLDENBERG, 2004).

Sendo assim, para Velho (2004), o projeto pode ser apreendido como a “conduta organizada para atingir fins específicos” (p. 107). Ele afirma também que a “ideia de que em qualquer sociedade e cultura ou situação social existe um campo de possibilidades parece-me crucial para perceber a mudança. É a partir da delimitação desse que se podem perceber a gênese e viabilidade de projetos específicos” (p. 108). Neste sentido, partimos do pressuposto de que a finalidade específica a qual os interlocutores desta pesquisa querem alcançar, ou seja, seus projetos, compreendem a migração bem-sucedida do Brasil para Portugal. E que tal migração só foi possível devido a um campo de possibilidades ao qual eles se inserem. Isto é, as características estruturais e conjunturais balizadas pela economia, cultura, história etc., em que os projetos estão subordinados (PEREIRA & STENGEL, 2015).

No caso dos entrevistados desta pesquisa, estes são jovens que fazem parte de um campo de possibilidades partilhado pelas chamadas camadas médias brasileiras (VELHO, 1989), tendo um

grande apoio de suas famílias, tanto financeiro quanto moral, e perseguindo um estilo de vida típico das grandes cidades. A juventude aqui é compreendida como uma categoria social que é culturalmente construída, a qual é atraída por um estilo de vida permeado pelo cosmopolitismo (KING, 2018). Trazemos a narrativa de oito jovens-adultos entre os 23 e 32 anos, graduados em instituições de ensino superior brasileiras e que saíram de grandes metrópoles no país com a intenção de dar continuidade aos estudos em solo português. O objetivo deste trabalho é perceber o que aconteceu com seus projetos migratórios após cerca de um a dois anos do estabelecimento no país, em que há a reconfiguração de seus campos de possibilidades tendo em vista o desenrolar de suas trajetórias de vida em Portugal.

As entrevistas foram realizadas entre abril e maio de 2020 de maneira remota, tendo em vista que a conjuntura de pandemia mundial não permitia o contato face-a-face, e devido ao fato de a entrevistadora estar naquele período residindo no Brasil, enquanto sete dos oito entrevistados estarem morando em Portugal. Manteve-se contato posteriormente com os interlocutores para que algumas dúvidas fossem sanadas e para atualizar a autora sobre novas questões que pudessem surgir em suas trajetórias. As entrevistas foram transcritas pela própria autora, sem o auxílio de nenhum software. Dentre as diversas perguntas abertas do roteiro de entrevistas, a que norteia este trabalho é a última questão, que aborda os planos destes estudantes para o futuro. A identidade dos participantes foi anonimizada por meio da criação de nomes fictícios.

Resultados e discussão

Em nosso entendimento, mesmo após a concretização do processo migratório e dos interlocutores desta investigação terem tido suas idealizadas experiências de vida em um novo país, podemos afirmar que seus projetos não chegaram de forma alguma ao fim. Isto porque concordamos com Pereira & Stengel (2015) quando estas autoras afirmam que “os projetos fazem parte de nossas

vidas em todas as etapas” (p. 583). Assim, estamos continuamente planejando ações, criando metas e desenvolvendo estratégias para atingirmos objetivos futuros. Independentemente de se tratar de projetos mais ambiciosos ou totalmente desprezíveis, estes jovens estão sempre esboçando novos caminhos em suas trajetórias.

Desta maneira, analisaremos quais são suas aspirações dentro de uma nova conjuntura social da qual passaram a fazer parte. Para isto, salientamos que seus campos de possibilidades se reconfiguraram desde sua partida do Brasil. É possível também dizer que o cenário anterior à mobilidade estudantil deste grupo era de um país inserido em uma profunda crise econômica, política e democrática (PINHEIRO-MACHADO & SCALCO, 2020; MENDONÇA & DOMINGUES, 2022), em que muitos não viam mais perspectivas de um futuro com a qualidade de vida que compreendiam como minimamente digna. Quando falamos em qualidade de vida para estes estudantes em específico, estamos nos referindo a, por exemplo, um emprego estável em suas áreas de formação que os permita não só sobreviver (WILKEN & GINNERSKOV DAHLBERG, 2017), mas também se divertir, viajar, ter momentos de lazer etc.; segurança para circular pela cidade sem medo de algum tipo de violência; e transitar pelos diferentes locais da cidade de forma rápida e digna.

Em estudos anteriores mostramos que muitas das experiências que eles procuravam vivenciar foram alcançadas, como a interação com uma nova cultura, a convivência com diferentes pessoas, uma vida mais tranquila em termos financeiros, dentre muitos outros aspectos (LYRIO & LÂNES, 2022; LYRIO, 2022). E, desse modo, seus projetos se perpetuam, mas também se modificam, se adaptam e outros ainda são criados por estes jovens migrantes. Nesta direção, iremos analisar os planos futuros de cada um destes estudantes dentro de seus novos campos de possibilidades.

Todavia, antes cabe situar sobre a conjuntura mundial que atravessa a redação deste trabalho. É inegável que a situação de pandemia mundial provocada pelo Covid-19 afetou o cotidiano dos migrantes em diversos aspectos, principalmente no que tange as suas vidas profissionais (BORBA & D’ANGELO, 2020,

p. 267), mas cabe aqui a ratificação do sentimento de insegurança e incerteza para como o futuro que tal contexto vem causando sob a população de modo geral e entre os estudantes internacionais, trazendo inclusive novas formas de precariedade para este grupo e específico (MALET CALVO et al., 2021). Assim, por mais planos que tenham, alguns deles tinham dificuldades em vislumbrar seus futuros de maneira mais positiva. De todo modo, conseguimos extrair de algumas narrativas certos pontos que demonstram as condições mais otimistas às quais estão submetidos em Portugal³ em comparação com o Brasil.

Vejamos os planos de Leonardo, que apresentou um novo projeto de vida bastante ambicioso e já bem delineado. A realização de sua pós-graduação na Universidade de Lisboa em Comunicação e Pesquisa de Tendências, segundo ele, seria a possibilidade de compreender melhor o mercado da moda e quem sabe conseguir um emprego nesta área, objetivo que ainda não concretizou e que é seu projeto maior. Nesta direção, Leonardo pretende fazer um mestrado na Itália onde há mais perspectivas do que em Portugal, como informou. Ele pesquisou entre alguns países: Reino Unido, França e Itália, tendo se decidido pelo último, visto que foi o curso que mais o agradou em termos de currículo. Foi interessante constatar no discurso de Leonardo que apesar de muito decidido e mesmo já tendo se candidatado e sido aprovado no curso, sua fala demonstra muita indecisão.

– Meus planos são: eu vou fazer um mestrado. Assim, eu vou não, quero muito fazer o mestrado. (...) E eu passei já em um mestrado na Itália, só que ele é muito, muito, muito caro, (...) eu não vou conseguir juntar o dinheiro que o curso custa. (...) E assim, na minha empresa (...) eu teria que pedir uma licença. Eu não iria me demitir, eu ia pedir uma licença de um ano para estudar.

³ Entretanto, vale aqui a ponderação de que Portugal tem experimentado um forte aumento da inflação. Dados da Eurostat (2022), indicam que o país já é uma das nações da Zona do Euro com as maiores taxas.

Vemos então Leonardo possui algumas alternativas. Ele explicou ainda que há um crédito estudantil que ele pensa em pedir para poder financiar seus estudos. Apontou ainda que depois desta licença, ele não tem o compromisso de retornar ao seu posto de trabalho. Assim, ele passaria um ano completamente voltado aos estudos e, após este período, ele analisaria se iria voltar à Portugal, se permaneceria na Itália, ou em outro país em que o mercado de moda é mais amplo. Ele completou sua narrativa dizendo que “a carga é como se fosse um trabalho, é de segunda a sábado, das 8:00 às 17:00. É pesadíssimo. E tem muitas viagens também o curso, então, tem viagem pra Paris, tem viagem pra Londres”.

E mesmo ele não tendo a plena certeza de que realmente irá conseguir juntar dinheiro ou se conseguirá o crédito estudantil, Leonardo está investindo intensamente neste projeto, tendo entrado em um curso de italiano recentemente. Isto porque mesmo as aulas sendo em inglês, idioma que ele já domina, para conseguir o estágio, ele acredita que o italiano será importante, além de proporcionar um maior conhecimento do próprio país. Ele completou sua fala de maneira bastante otimista: “Se eu não me mudar... eu vou me mudar, na verdade eu vou. Eu vou dar um jeito e vou. (...) se nada der certo e eu não conseguir o crédito consignado e eu não for, eu continuo aqui a princípio, na minha empresa e tentando buscar alguma coisa, fazer freelancer”.

Alguns meses depois da entrevista, entrei em contato com Leonardo e ele relatou que ainda não havia recebido a resposta sobre o crédito estudantil. Assim, naquele momento, esta parte de seu futuro não estava mais em sua alçada. Uma das principais características do projeto, como salientaram Pereira & Stengel (2015) é seu “eminente risco de insucesso” (p. 584), mas como constatamos na fala de Leonardo, sempre há um recomeço e outras possibilidades, que no caso dele será permanecer em Lisboa tentando trabalhos esporádicos para ampliar seu portfólio, aumentando suas chances de conseguir um emprego na profissão que almeja. E outro interlocutor que apresentou um projeto relativamente mais ambicioso, assim como Leonardo, foi Eric, que relatou ter o sonho de abrir um negócio, uma loja de jogos de tabuleiro.

– Você paga um preço fixo, tem um milhão de jogos de tabuleiro, você escolhe, você senta com a galera, joga. E aí eu não vejo essas lojas aqui [em Portugal]. Eu só vejo loja para vender jogo, vejo muita gente querendo jogar, sempre tive vontade de ter uma loja dessas. (...) Eu morro de vontade de abrir a minha loja nessa temática, mas enfim, não sei se vai dar certo, é um país muito velho, tinha que fazer um estudo maior, mas é uma coisa que eu ‘tô’ juntando dinheiro e ‘tô’ vendo ainda se eu faço ou não, mas é um sonho que eu tenho.

Portanto, comparado com Leonardo, vemos que o projeto de Eric está bem mais distante de uma realização. Aliás, poderíamos considerar o sonho de Eduardo um projeto? O fato dele estar juntando dinheiro já poderia ser considerado dentro do que Gilberto Velho (1994) considera como a “conduta organizada para atingir finalidades específicas”? (p. 40). Acreditamos que sim, visto que o ato de guardar dinheiro pensando nesta finalidade, já seria um procedimento de organização para atingir seu propósito.

Mas além de abrir seu próprio negócio, Eric apontou ainda que gostaria de morar em outro país da Europa, como Itália, França ou Alemanha, mas esclareceu que não faria esse processo novamente sozinho como foi para Portugal. Isto porque Eric sofreu muito com o frio durante seus primeiros meses no país, tendo até pensado em retornar ao Brasil. Desta maneira, ele afirmou que apesar de muita vontade em viver uma nova migração, a condição seria ter uma companheira ou amigos dispostos a fazer o mesmo, o que naquele momento pelo menos estava fora de cogitação, de acordo com ele.

Além disso, quando perguntei se ele gostaria de voltar um dia a viver no Brasil, ele respondeu que não sabia, mas caso voltasse, seria somente para sua cidade natal: “Porque Brasília, é sei lá, muito verde, é uma cidade muito mágica. Eu nunca conheci ninguém de Brasília que falou que não gosta de Brasília. Eu sou apaixonado por Brasília, ‘tô’ sempre usando camisa de Brasília, então eu voltaria pra Brasília”. A repetição do nome do lugar inúmeras vezes demonstra a forte relação de afetividade que ele

possui com sua cidade natal (TUAN, 1980). Dos oito entrevistados, sete ainda permanecem em Portugal e Eric foi o único que abriu um precedente em seu relato para uma volta hipotética ao Brasil, mesmo que remota. Talvez a forma como ele percebe sua cidade, além da saudade de sua família tenha aberto essa possibilidade distante. O fato é que quando perguntado aos demais entrevistados sobre uma possível migração de retorno, eles foram enfáticos em dizer que não se imaginam mais residindo no Brasil.

Sobre a questão do retorno, antes das entrevistas, alguns dos textos consultados como Faria (2009) e Iorio, Silva & Ferreira (2013) abordavam este assunto como inerente ao processo migratório. Estas últimas autoras indicam, por exemplo, que “a ideia do retorno está implícita no projeto de migrar nas sociedades de origem e destino. (...) o projeto de deslocamento assume um sentido de ‘temporário’, o qual termina em um ritual manifestado e finalizado no retorno” (p. 36). Mesmo as autoras trabalhando com um processo migratório com o um perfil parecido com o desta investigação, o contexto no qual elas escrevem era de crise econômica na União Europeia e de perspectivas melhores no Brasil. Situação a qual não encontrei nas narrativas de meus interlocutores, o que coloca a reflexão sobre o porquê da vontade em não retornar.

Acreditamos que a atual situação política e econômica na qual se encontra o Brasil em relação a Portugal já citada anteriormente é bastante desfavorável, pois desde a primeira migração ocorrida entre os interlocutores deste grupo, no início de 2018, até o que vem se desenhando no presente ano de 2022 é o agravamento de tais crises. Mesmo que no futuro mais longínquo os entrevistados deste trabalho queiram retornar, ou forças conjunturais acabem os levando de volta ao Brasil permanentemente, fica claro que o contexto atual do país não desperta a vontade pelo retorno entre este grupo. E por outro lado, Portugal, possui muitos fatores de atração (segurança, menor custo de vida, estabilidade política e econômica, mobilidade urbana, mais oportunidades de emprego e estudo etc.) que os fazem optar pela permanência neste continente, concretizando em seus cotidianos um certo ideal de qualidade de vida (MALET CALVO, 2018).

E aproveitando o assunto da migração de retorno ao Brasil, falemos sobre o percurso de Bernardo, único que retornou a sua cidade de origem, o Rio de Janeiro, após pouco mais de um ano vivendo em Coimbra. Quando perguntado sobre os seus planos futuros, ele disse que não era uma pessoa de traçar um planejamento tão elaborado de sua vida. Ademais, depois de alguns meses da entrevista, no último contato com ele obtivemos a mesma resposta: “não sou de fazer planos, sou mais ‘deixa a vida me levar’⁴. Mas a princípio, seguir aqui no Brasil, investir meu dinheiro em algo que eu goste. Por enquanto ‘tô’ nesses investimentos de alto risco”⁵.

Como já dissemos, os projetos são inerentes às nossas vidas. Portanto, estamos a todo momento vislumbrando novos caminhos e tecendo estratégias para colocar em prática nossos objetivos. Por conseguinte, Bernardo disse ainda que vem estudando nos últimos meses as estatísticas dos jogos com o objetivo de conseguir um padrão que o proporcione estabilidade de viver deste ofício. Portanto, até os que dizem não possuir projetos, na verdade os têm. Nos termos de Gilberto Velho, “o projeto não é abstratamente racional, (...), mas é resultado de uma deliberação consciente a partir das circunstâncias, do campo de possibilidades em que se está inserido o sujeito” (VELHO, 1994, p. 103).

Podemos compreender, portanto, que de fato a maior parte dos sujeitos possui uma elaboração “racional” ou “consciente” do que deseja e elabora isso em termos de algo a ser conquistado. Assim, mesmo quando Bernardo fala em “deixar a vida me levar”, logo em seguida ele demonstra que possui o objetivo de se aprimorar em seu trabalho no presente. Deste modo, entendemos que ele pode não ter nenhuma noção nítida do que quer em termos de um futuro mais concreto, mas ainda assim, há minimamente algum plano delineado no curto prazo.

Já sobre os que pretendem se manter em Portugal de forma mais fixa, temos Marcela e Gustavo como exemplos. Marcela sabe das dificuldades em encontrar um emprego em

⁴ Referência à música popular do cantor e compositor carioca Zeca Pagodinho.

⁵ Apostas esportivas, sobretudo relacionadas aos jogos de basquete.

sua área, a comunicação. Mesmo tendo experiência em agências de publicidade no Brasil, ela nunca conseguiu participar de um processo seletivo em Portugal, apesar de afirmar que manda currículos constantemente para as empresas do ramo. Desta forma, ela pretende continuar trabalhando fora de sua área, e com a conclusão de seu doutorado, buscará uma inserção profissional mais adequada com as suas competências: “E depois, o que eu mais busco é concluir o meu doutorado. E pretendo sim entrar na academia, (...). Eu espero que a minha orientadora me ajude nesse sentido. E ela parece ser muito amiga e disposta a ajudar, (...) e trabalhar na minha área também”.

Destarte, Marcela pretende prestar concurso para o magistério no ensino superior português, e acredita que o contato com sua orientadora e professora será o caminho que a ajudará na realização deste projeto, mas ela também não descarta o mercado de trabalho português. CAIRNS et al. (2021) abordam diversos impactos causados pela pandemia aos estudantes internacionais inseridos no ensino superior português durante a primavera de 2020. Um deles é a questão do emprego precário. Os autores explicam que muitos destes estudantes precisam recorrer a trabalhos que não condizem com as suas qualificações e que não contribuem para o desenvolvimento de suas habilidades, o que tem impacto direto em seus desempenhos acadêmicos. Marcela é reflexo desta realidade, tendo trabalhado em um café e depois em uma mercearia de produtos orgânicos.

Gustavo, assim como Marcela, também se vê por tempo indeterminado no país. O primeiro ponto destacado por ele foi o fato de já estar há dois anos vivendo em solo português, o fazendo almejar a cidadania. Mas além disto, sua meta de curto prazo é finalizar seu mestrado, com alguma chance de ser adiado, dado todos os contratemplos que a pandemia mundial trouxe, e ingressar num doutorado no país. Sua situação está em consonância com a investigação de Iorio, Silva & Fonseca (2020), que aplicaram um questionário entre abril e maio de 2020 a estudantes internacionais em Portugal, obtendo pouco mais de 700 respostas válidas, com população de 56 países diferentes. O estudo revelou que cerca de

62% dos inquiridos indicaram que achavam que o Covid-19 iria afetar a conclusão dos seus estudos em Portugal.

Sobre o doutorado, Gustavo afirmou ter se interessado por um curso na Universidade de Coimbra, na área de Comunicação Social, algo um pouco distinto do que ele estudou com Marketing Intelligence no mestrado na Universidade Nova de Lisboa, sendo um nicho que desperta mais sua curiosidade para um estudo futuro. Quando perguntado como ele faria um doutorado em Coimbra, morando e estabelecido em um emprego em Lisboa, pois as cidades ficam a mais de 200 quilômetros de distância⁶, ele explicou que existem algumas alternativas.

– Eu conheço pessoas que trabalham nessa empresa minha e que saem uma hora da manhã e vão chegar em casa, que moram em Coimbra, 2:30, 3:00, de carro. Isso é uma hipótese (...), não sei como é que eu faria, se eu pediria as contas. E também tem o fato de agora com esse Covid (...) pelo que eu vejo, da movimentação da empresa, é que eles têm um interesse em continuar mantendo as pessoas trabalhando de casa. Então a partir do momento que esse trabalho remoto, se por acaso realmente for concretizado, (...) eu acho que seria uma oportunidade eu ir, começar a morar em Coimbra e mesmo assim eu estar trabalhando nessa empresa remotamente aqui em Lisboa.

Portanto, seja como for Gustavo pretende logo que terminar o mestrado, iniciar esta nova etapa em sua vida, tendo em vista seu projeto maior de se tornar professor acadêmico. É interessante notar como a experiência vivenciada ao longo da pandemia reconstitui para algumas pessoas seus planos de futuro. No caso de Gustavo, o futuro no trabalho é pensado a partir de uma nova rotina que possibilita o trabalho à distância. E, assim como a maioria, ele só se imagina retornando ao Brasil em último caso, pois destacou que a

⁶ O Google Maps indica o tempo estimado de duas horas e vinte minutos de trajeto de carro.

migração foi muito trabalhada subjetivamente durante certo tempo e que precisou de muito planejamento e coragem, por isso ele quer “sugar o máximo possível dessa oportunidade”, como ressalta.

Paula e Roberta fizeram relatos semelhantes e menos detalhados em relação a um cenário mais concreto de futuro. Isto ocorreu devido ao fato de a pandemia de Covid-19 ter deixado uma sensação de incerteza quanto aos seus futuros em relação a melhores perspectivas empregatícias (ambas trabalhavam na recepção do mesmo hotel). Sendo assim, elas disseram que pretendiam conseguir empregos em suas respectivas áreas de atuação (Paula no Direito e Roberta no Marketing). Mas neste momento não estão dando prosseguimento aos seus projetos, pois de acordo com elas, se a inserção profissional já era complicada antes da pandemia, agora está ainda mais difícil. É interessante frisar que estes e outros desafios não são exclusivos dos estudantes brasileiros ou de outras nacionalidades em Portugal. Farbenblum, & Berg, 2020 exploram tais questões na Austrália e Firang, 2020 no Canadá, por exemplo, demonstrando que a precariedade atinge diferentes grupos de estudantes e nações, incluindo as mais poderosas.

A diferença nas duas narrativas é que Paula vislumbra como uma alternativa após a conclusão de seu mestrado, a candidatura a um doutorado caso não consiga se inserir no mercado de trabalho português no Direito. Já Roberta não cogita uma carreira acadêmica, nem a perpetuação dos estudos em novos cursos acadêmicos. Assim, mesmo com a insatisfação em relação ao seu trabalho relatada na entrevista, ela afirmou que por enquanto não há muito o que possa fazer. Desta forma, ela se manterá em seu emprego atual e voltará a procurar uma vaga em sua área com mais afinco depois que a pandemia mundial for superada. E quando perguntada sobre o retorno ao Brasil, ela afirmou que não era seu plano, e que, se seu projeto em Portugal não der certo, talvez uma nova migração seja uma possibilidade: “eu sei que o estilo de vida que eu levo aqui é muito mais satisfatório para mim. Então de repente eu tentaria algum outro país, alguma outra cidade, alguma outra coisa. (...) Eu iria pra Itália, eu iria pra Alemanha”.

Assim, passados alguns anos desde que desembarcaram com o objetivo de recomeçar suas vidas, Paula e Roberta ainda não concretizaram o objetivo de se inserirem profissionalmente em suas áreas originais. Pereira & Stengel (2015) abordam as dificuldades na contemporaneidade, principalmente por parte dos mais jovens, a respeito da incerteza em seus futuros. As autoras explicam que por mais planejamento que se faça, a fluidez da pós-modernidade acaba por trazer uma série de barreiras para a concretização destes projetos individuais. Empecilhos estes que estão fora do controle dos interlocutores deste trabalho. Assim, elas indicam ainda que “não se trata de riscos possíveis de serem governáveis, pois têm um alcance mundial e de difícil prevenção. O aquecimento global e o terrorismo internacional são exemplos” (p. 592).

E podemos acrescentar ainda como exemplo desses riscos a trágica situação de pandemia mundial devido ao Covid-19, circunstância nunca vista antes (não pelo menos nestas proporções) no planeta. Mas pensemos também para além deste e dos demais acontecimentos citados pelas autoras. As próprias dificuldades de se inserir no mercado de trabalho em um novo país, a grande competitividade a qual hoje esses jovens estão submetidos (PAIS, 2016), enfim, há uma série de problemas aos quais elas, e tantos outros migrantes em contextos parecidos continuarão precisando lidar.

Por fim, temos a narrativa de Daniela, que da mesma forma que Paula e Roberta, não traçou perspectivas mais longínquas para sua vida. Ela não vislumbrou projetos mais sólidos, tendo afirmado que “qualquer plano que a gente fez antes de começar 2020, ele já foi por água abaixo”. Logo, seu relato caminhou no sentido da concretização de suas tarefas mais essenciais para um curto prazo. Ela mostrou-se muito cautelosa em seus objetivos, acreditando estar os concluindo por etapas. Primeiramente, procurava um emprego em sua área. Depois, objetivava passar dos seis meses de experiência exigidos, e agora busca terminar a faculdade: “Agora que eu ‘tô’ com trabalho e quase acabando a faculdade, eu me sinto menos ansiosa do que na época que eu não fazia ideia se eu ia ter dinheiro pra passar mais seis meses”. Constatamos então que o

que Daniela mais busca como projeto é ter tranquilidade, ou seja, agora que suas principais metas foram alcançadas, ela preza por estabilidade financeira e emocional.

Depois de passar por tantas incertezas a respeito de conseguir permanecer em Portugal tendo em vista que demorou a conseguir emprego em sua área, passando por diversas entrevistas, e conseqüentemente, criando expectativas (e muitas frustrações de acordo com ela), além de ter mudado de uma pós-graduação para um mestrado por causa de sua autorização de residência, Daniela valoriza a segurança proporcionada pelo seu emprego, e pretende permanecer nele por muito tempo.

– Eu sei que muita gente se aposenta pela empresa, muita gente trabalha 20, 30 anos na empresa. (...) Não sei se é uma coisa cultural da empresa, mas a certeza que você não vai ser demitido, isso faz com que eu fique, entendeu? É uma paz cara, você sair e voltar do seu trabalho sabendo que ninguém vai te demitir. (...) Então é uma estabilidade. Que era o que eu ‘tava’ procurando, porque depois dessa bagunça de um ano e pouco na minha vida (...) eu me mudei seis, sete vezes aqui em Portugal e eu não fiz nem dois anos ainda, sabe?

Portanto, vemos que depois de tantos impasses, Daniela obteve êxito em seu projeto migratório e está em vias de conseguir concretizá-lo plenamente após o término de seu mestrado.

Deste modo, buscamos mostrar neste trabalho os diferentes caminhos que este grupo de jovens estudantes ou ex-estudantes estão tomando, apesar das dificuldades em se projetar novos objetivos em meio a tantos desafios. Vimos aqui que, não fosse a condição atípica a qual o mundo inteiro enfrentou com a pandemia mundial ocasionada pelo Covid-19, talvez alguns entrevistados teriam melhores perspectivas e seriam capazes de traçar planos mais elaborados e de longo prazo. De todo modo, ainda assim alguns deles como Leonardo e Eric delinearão projetos ligeiramente mais estruturados do que os demais.

Sendo assim, mesmo com toda a incerteza em relação ao que está por vir, existe um sentimento geral entre os interlocutores desta pesquisa de que ainda há muito o que explorar, seja em Portugal ou em outro país europeu. E, mesmo com todas as atribulações, as expectativas mostram-se mais positivas do que negativas, e o retorno ao Brasil ainda parece algo muito distante ou até mesmo fora de cogitação para alguns deles. Mas vale lembrar aqui da dinamicidade dos projetos e as reconfigurações constantes de campos de possibilidades, e, portanto, das mudanças que podem ocorrer em suas trajetórias de vida.

Considerações finais

Podemos afirmar que os projetos foram sendo colocados em prática à medida em que estes jovens-adultos foram desembarcando e se instalando em Portugal. Seus projetos individuais incluíam a ideia de viver uma nova experiência, que abrangia conhecer melhor uma nova cultura, mesmo que próxima em diversos aspectos da brasileira, conhecer novos lugares e pessoas diferentes e, claro, a dita melhoraria da qualidade de vida, que tem um sentido bastante específico para estes interlocutores, dada a inserção deles dentro de um campo de possibilidades bastante similar: cidadãos de classe média, escolarizados, falantes de pelo menos mais de uma língua além do português, em sua maioria brancos, com boa estrutura familiar, já tendo vivenciado alguma experiência internacional. Mas também sujeitos insatisfeitos com a vida que levavam no Brasil, alguns desempregados, outros sem perspectivas de crescimento profissional, enfim, isto tudo em um contexto político e econômico desfavorável do país.

Logo, quando observamos suas narrativas sobre suas experiências em solo luso depois de cerca de dois anos que a maioria migrou, podemos compreender que seus projetos foram sendo concluídos, e em certas circunstâncias adaptados. E assim, outros objetivos de vida foram sendo elaborados dentro de campos de possibilidades que se reconfiguraram, visto que estão em um novo país, com condições sociais, econômicas, culturais

e políticas distintas. Nos termos de Velho (1994) “os projetos, como as pessoas, mudam. Ou as pessoas mudam através de seus projetos. A transformação individual se dá ao longo do tempo e contextualmente” (p. 48). Isto é, o entendimento de que pessoas e projetos estão em constante transformação, se construindo, destruindo e podendo se reconstruir de outras maneiras e em contextos diversos, instigou a preocupação da autora em tentar compreender melhor quais são os projetos futuros destes jovens migrantes após a concretização de seus processos migratórios.

Mesmo que para muitos tenha sido bastante difícil pensar um planejamento a longo prazo, foi um exercício sugerido pela entrevistadora/autora e que permitiu perceber o quão dinâmico podem ser os projetos, sobretudo entre os jovens. Assim, Portugal reconfigurou o campo de possibilidades destes interlocutores na medida em que proporciona novas perspectivas para seus futuros. Portanto, esperamos ter contribuído significativamente para o tema das mobilidades internacionais em um contexto atual.

Buscamos compreender a trajetória de oito jovens-adultos que encontraram na migração do Brasil para Portugal com fins estudantis, uma resposta para a realidade insatisfatória com a qual se deparavam em suas vidas. Acreditamos que os conceitos de projeto e campo de possibilidades foram essenciais para entender melhor estas narrativas e, conseqüentemente, a própria sociedade contemporânea. Desejamos que este trabalho possa fomentar os debates a respeito dos fluxos migratórios e das relações entre Brasil e Portugal, bem como o uso e relevância dos conceitos abarcados.

Referências

BORBA, C.; D'ANGELO, I. Ainda mais vulneráveis: um estudo comparado da questão do Covid-19 e dos trabalhadores migrantes e informais no Brasil e em Portugal. **Revista Espaço Acadêmico** - n. 222 - mai./jun. 2020.

CAIRNS, D.; FRANÇA, T.; CALVO, D. M.; DE AZEVEDO, L. An immobility turn? the Covid-19 pandemic, mobility capital and international students in Portugal. **Mobilities**, v.16, n.6, 874-887, 2021.

DIREÇÃO GERAL DE ESTATÍSTICAS DA EDUCAÇÃO E CIÊNCIA. RAIDES19: Resultados 1.º Semestre - Inscritos 2019/20. <https://www.dgeec.mec.pt/np4/>

EUROSTAT. Annual inflation up to 9.1% in the euro area. (2022). <https://ec.europa.eu/eurostat/documents/2995521/14698150/2-16092022-AP-EN.pdf/741bf6b2-1643-6ff0-34e7-31522ce1e252>. Acesso em: 30 set. 2022.

FARBENBLUM, B., & BERG, L. "We might not be citizens but we are still people": Australia's disregard for the human rights of international students during COVID-19. **Australian Journal of Human Rights**, v. 26, n. 3, 486-506, 2020.

FARIA, M. Cooperação no âmbito do ensino superior: ser estudante angolano em universidades portuguesas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 1 (58), p. 45-63, jan./abr. 2009.

FIRANG, D. The impact of COVID-19 pandemic on international students in Canada. **International Social Work**, v. 63, n. 6, 820-824, 2020.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.

IORIO, J.; FERREIRA, S. Fluxos migratórios de brasileiros em Portugal: o retorno e a "nova vaga dos em vias de qualificação". *Leopoldianum*, ANO 39, n. 107/108/109, 31-48, 2013.

IORIO, J. C.; SILVA, A. V.; FONSECA, M. L. The impact of Covid-19 on international students in higher education in Portugal: a preliminary analysis. **Finisterra**, v. 55, n. 115, 153-161, 2020.

KING, R.; RAGHURAM, P. International student migration: mapping the field and new research agendas. **Population, Space and Place**, v. 19, n. 2, 127-137, 2013.

KING, R. Theorising new European youth mobilities. **Population, Space and Place**, v. 24, n. 1, 1-12, 2018.

LYRIO, B. Estudo e trabalho nos percursos de jovens brasileiros em Portugal: compreendendo suas trajetórias a partir dos conceitos de projeto e campo de possibilidades. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, Recife, v. 11, 1-20, 2022.

LYRIO, B.; LÂNES, P. Campo de possibilidades e projeto: motivos que levaram estudantes brasileiros a Portugal. **Conhecer: Debate entre o Público e o Privado**, v. 12, n. 28, p. 116-136, 2022.

MALET CALVO, D. Understanding international students beyond studentification: A new class of transnational urban consumers. The example of Erasmus students in Lisbon (Portugal). **Urban Studies**, v. 55, n. 10, 2142-2158, 2018.

MALET CALVO, D.; CAIRNS, D.; FRANÇA, T.; DE AZEVEDO, L. F. 'There was no freedom to leave': Global south international students in Portugal during the COVID-19 pandemic. **Policy Futures in Education**, 2021.

MENDONÇA, R. F.; DOMINGUES, L. B. Protestos contemporâneos e a crise da democracia. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 37, 2022.

OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES. Estudantes Estrangeiros no Ensino Superior PT. <https://www.om.acm.gov.pt/-/6--1>. Acesso em: 30 set. 2022.

PAIS, J. M. Jovens, trabalho e futuro: dilemas e desafios. In: (Org). ROCHA, G. P. N.; GONÇALVES, R. L.; MEDEIROS, P. D. de. **Juventude(s)**: Novas Realidades, Novos Olhares. Edições Húmus, Lda., 2016.

PEREIRA, H.; STENGEL, M. Projetos de vida na Pós-Modernidade: possibilidades e limites aos jovens. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 582-598, dez. 2015.

PINHEIRO-MACHADO, R; SCALCO, L. M. From hope to hate: The rise of conservative subjectivity in Brazil. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, v. 10, n. 1, 21-31, 2020.

TUAN, Y. **Topofilia**: um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo, DIFEL, 1980.

VELHO, G. **A Utopia Urbana**: um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1989.

VELHO, G. **Projeto e Metamorfose**: Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1994.

VELHO, G. Cultura de Classe Média: reflexões sobre a Noção de Projeto. In: VELHO, G. **Individualismo e Cultura**: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. – 7.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

WILKEN, L.; GINNERSKOV DAHLBERG, M. Between international student mobility and work migration: experiences of students from EU's newer member states in Denmark, **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v.43, n.8, 1347-1361, 2017.[scopus.com/record/display?id=5211235&file=7B\\$clientServletPath%7D/?newsId=1235&fileName=DGEEC_DSEE_DEES_2020_Destaque_RAIDES19_I.pdf](https://scopus.com/record/display?id=5211235&file=7B$clientServletPath%7D/?newsId=1235&fileName=DGEEC_DSEE_DEES_2020_Destaque_RAIDES19_I.pdf). Acesso em: 30 set. 2022.

EUROSTAT. Annual inflation up to 9.1% in the euro area. (2022). <https://ec.europa.eu/eurostat/documents/2995521/14698150/2-16092022-AP-EN.pdf/741bf6b2-1643-6ff0-34e7-31522ce1e252>. Acesso em: 30 set. 2022.

FARBENBLUM, B., & BERG, L. “We might not be citizens but we are still people”: Australia’s disregard for the human rights of international students during COVID-19. **Australian Journal of Human Rights**, v. 26, n. 3, 486-506, 2020.

FARIA, M. Cooperação no âmbito do ensino superior: ser estudante angolano em universidades portuguesas. **Pro-Posições**, Campinas, v. 20, n. 1 (58), p. 45-63, jan./abr. 2009.

FIRANG, D. The impact of COVID-19 pandemic on international students in Canada. **International Social Work**, v. 63, n. 6, 820-824, 2020.

GOLDENBERG, M. **A arte de pesquisar**: como fazer pesquisa qualitativa em Ciências Sociais. Rio de Janeiro: Record, 2004.

IORIO, J.; FERREIRA, S. Fluxos migratórios de brasileiros em Portugal: o retorno e a “nova vaga dos em vias de qualificação”. **Leopoldianum**, ANO 39, n. 107/108/109, 31-48, 2013.

IORIO, J. C.; SILVA, A. V.; FONSECA, M. L. The impact of Covid-19 on international students in higher education in Portugal: a preliminary analysis. **Finisterra**, v.55, n.115, 153-161, 2020.

KING, R.; RAGHURAM, P. International student migration: mapping the field and new research agendas. **Population, Space and Place**, v. 19, n. 2, 127-137, 2013.

KING, R. Theorising new European youth mobilities. **Population, Space and Place**, v. 24, n. 1, 1-12, 2018.

LYRIO, B. Estudo e trabalho nos percursos de jovens brasileiros em Portugal: compreendendo suas trajetórias a partir dos conceitos de projeto e campo de possibilidades. **Revista Movimentos Sociais e Dinâmicas Espaciais**, Recife, v. 11, 1-20, 2022.

LYRIO, B.; LÂNES, P. Campo de possibilidades e projeto: motivos que levaram estudantes brasileiros a Portugal. **Conhecer: Debate entre o Público e o Privado**, v. 12, n. 28, p. 116-136, 2022.

MALET CALVO, D. Understanding international students beyond studentification: A new class of transnational urban consumers. The example of Erasmus students in Lisbon (Portugal). **Urban Studies**, v. 55, n. 10, 2142-2158, 2018.

MALET CALVO, D.; CAIRNS, D.; FRANÇA, T.; DE AZEVEDO, L. F. ‘There was no freedom to leave’: Global south international students in Portugal during the COVID-19 pandemic. **Policy Futures in Education**, 2021.

MENDONÇA, R. F.; DOMINGUES, L. B. Protestos contemporâneos e a crise da democracia. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 37, 2022.

OBSERVATÓRIO DAS MIGRAÇÕES. Estudantes Estrangeiros no Ensino Superior PT. <https://www.om.acm.gov.pt/-/6--1>. Acesso em: 30 set. 2022.

PAIS, J. M. Jovens, trabalho e futuro: dilemas e desafios. In: (Org). ROCHA, G. P. N.; GONÇALVES, R. L.; MEDEIROS, P. D. de. **Juventude(s):** Novas Realidades, Novos Olhares. Edições Húmus, Lda., 2016.

PEREIRA, H.; STENGEL, M. Projetos de vida na Pós-Modernidade: possibilidades e limites aos jovens. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 21, n. 3, p. 582-598, dez. 2015.

PINHEIRO-MACHADO, R; SCALCO, L. M. From hope to hate: The rise of conservative subjectivity in Brazil. **HAU: Journal of Ethnographic Theory**, v. 10, n. 1, 21-31, 2020.

TUAN, Y. **Topofilia:** um Estudo da Percepção, Atitudes e Valores do Meio Ambiente. São Paulo, DIFEL, 1980.

VELHO, G. **A Utopia Urbana:** um estudo de antropologia social. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1989.

VELHO, G. **Projeto e Metamorfose:** Antropologia das Sociedades Complexas. Rio de Janeiro, ZAHAR, 1994.

VELHO, G. Cultura de Classe Média: reflexões sobre a Noção de Projeto. In: VELHO, G. **Individualismo e Cultura:** notas para uma antropologia da sociedade contemporânea. – 7.ed. – Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2004.

WILKEN, L.; GINNERSKOV DAHLBERG, M. Between international student mobility and work migration: experiences of students from EU's newer member states in Denmark, **Journal of Ethnic and Migration Studies**, v. 43, n. 8, 1347-1361, 2017.